

ANDREI KAMPPFF

#prass38



© Andrei Kampff

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Diretora comercial
Patty Pachas

Diretora de projetos especiais
Tatiana Fulas

Coordenadora editorial
Vanessa Sayuri Sawada

Assistente editorial
Mayara dos Santos Freitas

Capa
Vanessa Sayuri Sawada

Diagramação
Carla Almeida Freire

Preparação
Beatriz de Freitas Moreira

Revisão
Ana Maria Barbosa

Fotos
Alexandre Battibugli
Antonio Costa
Cesar Greco
Gustavo Ferro

Impressão
Loyola

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Kampff, Andrei
#Prass38 / Andrei Kampff. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books,
2017. 240 pp.

ISBN: 978-85-7888-646-2

1. Prass, Fernando, 1978-. 2. Goleiros de futebol – Brasil – Biografia.
I. Título.

17-39147

CDD: 927.9633426
CDU: 929:796.056.222

2017

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Pai, mãe, nestas páginas vocês se encontrarão. Afinal, Batista e Olenca, vocês me apresentaram dois dos meus maiores prazeres: ler e escrever.

SUMÁRIO

Apresentação 7

#1 Glória e dor 11

#2 Um cotovelo 19

INFÂNCIA

#3 Um piá 25

#4 Vocação 30

#5 Um caminho diferente 34

#6 O acaso 38

#7 Moleque Bom de Bola 41

#8 Ponto fraco 44

#9 Renúncias 48

#10 O encontro 53

#11 Deu pra ti, Viamão 58

O FUTEBOL

#12 Cadê meu dinheiro? 65

#13 Ídolo pela primeira vez 71

#14 A primeira taça 75

#15 Em Curitiba 80

#16 Fominha 84

#17 Uma batalha na Europa 89

#18 A maior conquista 96

#19	Recomeço	100
#20	Monotemático	105
#21	Uma decisão dolorida	110

PALMEIRAS

#22	O acerto	121
#23	Ele e um santo	126
#24	Um começo violento	130
#25	Tchau, crise!	139
#26	De frente	145
#27	2015: que ano!	150
#28	Um presente especial	156
#29	A final	160
#30	O auge	168

SELEÇÃO

#31	A notícia em 13 letras	179
#32	O Everest	184
#33	Dor	189
#34	A fratura de um sonho	194
#35	Um título fora de campo	200

O BRASILEIRO

#36	A volta	207
#37	Campeão	212
#38	Um número mágico	218

	Ficha técnica	220
	Agradecimentos	222

APRESENTAÇÃO

Eu, Nonô e um livro – algo inacreditável estava acontecendo à nossa frente. Era uma vitória do esforço sobre a lógica. Da perseverança sobre as inúmeras frustrações. Do sonho sobre as probabilidades. Era algo fantástico! E o mais legal: era com alguém que eu conhecia desde piá. Aos 38 anos, Nonô chegava à Seleção Brasileira de Futebol Olímpico. Que história! “E por que você não conta isso?”, perguntou Marcela, minha esposa, com a simplicidade e a objetividade típicas de uma boa jornalista.

Sim, eu deveria contar a história de Nonô. Não apenas para que todos entendessem como o suor ainda é uma locomotiva eficiente na busca de sonhos, mas também por ele. Também por mim. Claro que por mim! Não somos altruístas. Chega de hipocrisia, de discursos politicamente corretos. Não fazemos algo apenas para ajudar alguém – pelo menos, na maior parte das vezes... Escrever sobre isso seria um prazer também para mim. Seria mesmo? Confesso, não foi bem assim durante muito tempo. Escrever e pesquisar sobre o Nonô foi algo difícil.

Conheço Fernando Prass desde quando ele era um guri que corria atrás de qualquer bola, na companhia dos meus primos Lucas e Betânia, em Viamão (RS). Conhecia seus pais, sua irmã Ana Paula. Sempre simpatizei com eles, gostava de todos. Mesmo assim, o livro não poderia ser uma tabelinha entre compadres.

Deixei isso bem claro na primeira entrevista que fiz com ele. Eu precisaria dissecar a formação profissional de um goleiro vencedor, que superou fronteiras, de jogador para ídolo, de ídolo para herói, mostrando também suas contradições, seus deslizes, as mancadas e as brigas, o que apenas provaria se tratar, antes de tudo, de um ser humano. Era preciso esse ponto de vista contraditório, até para tornar a figura maior e mais real.

As 52 pessoas com quem conversei e entrevistei são testemunhas de como busquei essas histórias. Foram mais de cem horas de entrevistas, sem contar mensagens de texto e áudio. E, entre tantos meios que me auxiliaram na construção da história, nenhum foi mais eficiente do que o olho no olho. As melhores entrevistas ainda são, e serão para todo o sempre, aquelas em que a gente invade o território e encara o entrevistado. Nenhuma tecnologia substitui a sensibilidade. Pelo menos, por enquanto.

Mesmo com as entrevistas cara a cara, ou buscando os personagens mais improváveis e distantes, não encontrava nada de sobrenatural. Isso foi me incomodando. Por mais que tentasse, nada... Os dias iam se passando e todos me contavam histórias que sempre alimentavam o mesmo personagem, sem grandes deslizes. É verdade que descobri fatos inéditos, curiosos, brigas, dramas pessoais e até o caso de uma invasão a uma funerária. Mas queria mais. Pensei: “Não vai dar certo, um livro sem uma bomba, um livro sem uma sacanagem! Eu fracassei, melhor parar”.

Felizmente, eu estava errado. Assim como a trajetória de Fernando Prass na Seleção Olímpica não foi do jeito que ele planejou, o livro apenas não caminhava da maneira que eu idea-

lizei – só isso. A história dele, que eu tinha decidido contar, era importante. Afinal, ele sempre contrariou as impossibilidades e se tornou ídolo quando poucos apostavam nisso: quase um quarentão, uma pessoa como qualquer um de nós, Nonô continuava surpreendendo e vencendo no futebol. Isso é sensacional!

Com 38 anos, depois de 38 rodadas, Fernando Prass e o Palmeiras terminaram o Campeonato Brasileiro comemorando o título de campeão – um roteiro que, naturalmente, só poderia ser escrito em 38 capítulos... Sim, a Marcela estava certa, esta é uma história que merece ser contada.

#1 GLÓRIA E DOR

Ele olhava para os lados mais do que sempre. Estava concentrado como nunca. E também tenso como poucas vezes. Isso, justamente num lugar que é praticamente a extensão da própria casa: o vestiário do Allianz Parque, em São Paulo. Depois de quase quatro meses, ele voltou a ocupar aquele espaço como jogador e logo numa partida decisiva. O universo da bola, o técnico, Cuca, e o preparador de goleiros, Oscar Rodrigues, conspiraram a favor de Fernando Prass.

Duas horas antes do jogo com a Chapecoense, pela 37ª rodada, a penúltima do Campeonato Brasileiro, o telão da arena repetia a imagem histórica. Aquele gol de pênalti do goleiro contra o Santos, que selou a conquista da Copa do Brasil um ano antes e revolucionou a relação dele com o torcedor. Cada vez que o mesmo chute levava a mesma bola para a mesma rede, o coração da torcida acelerava e a arena pulsava em verde e branco. Dentro do vestiário, ele ouvia a empolgação dos torcedores e, mesmo sem ver o gol, também se lembrava daquele dia, 2 de dezembro de 2015.

O quanto ele esperou por viver de novo um momento parecido? O quanto idealizou? O quanto planejou esse dia? O quanto trabalhou para isso? Ele e as pessoas mais próximas, que acompanharam de perto os dias de angústia e suor de

Fernando, sabem bem que para todas essas perguntas só havia uma resposta: muito.

Naquele dia, 27 de novembro de 2016, Fernando Prass estava prestes a conquistar o maior título na carreira, aos 38 anos. Além disso, estava a poucas horas de vencer a arrogância das verdades absolutas. Contrariando a maioria das previsões, ele estava vivendo ainda em 2016 a expectativa de jogar uma decisão. Em um momento completamente diferente. Depois de ficar fora por 22 rodadas do campeonato, Fernando estava voltando ao Palmeiras na partida contra a Chapecoense, que poderia dar ao time paulista o nono título brasileiro.

Na hora de se vestir para entrar em campo, ele se viu emocionado. Os olhos se encheram de lágrimas, sem que ninguém dissesse uma palavra e sem que nada de diferente estivesse acontecendo em volta dele. Todas eram cenas que já tinha vivenciado inúmeras vezes. Mas o dia era especial. O zagueiro Vitor Hugo viu a emoção do goleiro e disse: “Bem-vindo”. O volante Gabriel, ao ver os olhos marejados do goleiro, também se emocionou.

“Eu sei o que é isso, Prass”, disse Gabriel, que deu um abraço em Fernando e também chorou. O volante se machucou um ano antes e ficou fora do time por mais de duzentos dias, perdendo, inclusive, a chance de jogar a final da Copa do Brasil contra o Santos em 2015. Fernando Prass recebeu o apoio dos companheiros, mas não parava de pensar: “Que ano foi esse! Quanta coisa! Quanta coisa boa! Quanta coisa difícil! Mas acabou!”.

A tarde daquele domingo ensolarado em São Paulo, sonorizado pela queima intermitente de fogos e colorido em

verde e branco, ainda traria muitas emoções para Fernando Prass. A primeira delas já saindo do vestiário e indo em direção ao campo, cinquenta minutos antes de a bola rolar. Quando tomou o caminho do aquecimento, Fernando passou pelo túnel que dá acesso ao campo. Nele, um cordão de crianças palmeirenses. Na passagem dos jogadores, o goleiro e Gabriel Jesus foram os mais festejados. Não houve uma criança que não estendesse a mão para tocar no ídolo que estava de volta.

Na hora de colocar o pé no gramado e entrar em cena, ele abraçou os amigos e companheiros do dia a dia. Colocou o braço esquerdo no ombro de Jailson, o braço direito no ombro de Vinícius, tomou fôlego, respirou fundo. E foi assim, no meio dos dois, às 16:10 horas daquele dia 27 de novembro de 2016, que ele e os companheiros de posição entraram em campo correndo e o estádio inteiro tremeu. Foi um daqueles momentos mágicos em que milhares se tornam apenas um. Essa metamorfose típica das grandes torcidas em momentos especiais acontecia naquele instante, catalisada por um ídolo que estava de volta ao hábitat natural. E essa figura transformada e que atende pelo nome de torcida passou a cantar: “Putá que pariu, é o melhor goleiro do Brasil, Fernando Prass! Putá que pariu, é o melhor goleiro do Brasil, Fernando Prass!”, exatamente o coro que ele imaginou, sonhou e desejou ouvir naquele mesmo momento.

No campo, o lugar onde sempre quer estar, Fernando levantou o braço esquerdo e com o punho direito bateu no peito. Era a melhor forma de agradecer àquela torcida, mostrar que eles e o Palmeiras estavam no coração do goleiro. “Muitas

coisas na vida se negociam, mas carinho, não. Carinho a gente conquista”, me disse o goleiro três dias depois da partida.

Apesar da emoção que já era gigante, no aquecimento nenhum sorriso. Apenas concentração. Um foco absurdo na bola. Se ele piscava os olhos, a dez metros dele o movimento da pálpebra era imperceptível. Ele balançou a cabeça, iniciando os trabalhos. O preparador de goleiros, Oscar Rodriguez, e o auxiliar, Danilo Minutti, chutaram uma bola, duas, várias ao gol. Ele caiu, se levantou e mandou seguir.

Na etapa final, cruzamento para a área, o mesmo exercício que cimentou de maneira definitiva o sonho olímpico do goleiro. Uma bola para a área, tudo bem. Veio a segunda, a terceira, até que chegou a quarta e última bola cruzada. Oscar chutou do lado esquerdo de Fernando e ela subiu alto, o goleiro saiu do chão, voou, ergueu o braço, fez a defesa e aterrissou. Jogou a bola para Danilo, sério, concentrado e balançou a cabeça positivamente.

Sim, ele estava pronto para voltar, ainda em 2016, contrariando todas as previsões. Faltando apenas três dias para completar quatro meses de ausência, ele voltou depois de fraturar o sonho de toda uma vida. E foi muito mais emocionante do que na imaginação e desejos do goleiro.

“Tô fora. Tô mal agora, sofrendo. Mas é dormir, amanhã levantar a cabeça, começar de novo e pensar no Palmeiras.” Foi assim que Fernando Prass respondeu à maior tristeza que o futebol lhe deu em 38 anos de vida. Uma lesão no cotovelo tirava

dele a chance de defender o Brasil pela primeira vez. Ele tinha sido o escolhido pelo técnico Rogério Micalé para participar dos Jogos Olímpicos Rio 2016. Fernando, que sempre foi o goleiro de diferentes torcidas, teria a chance de defender um país inteiro no Rio de Janeiro.

Mas um cotovelo se meteu no meio do caminho. No dia 30 de julho, data do amistoso contra o Japão, o último antes da estreia contra a África do Sul, um trabalho de aquecimento que seria apenas para confirmar uma recuperação esperada se transformou no fim do sonho de toda uma vida: o cotovelo tinha se partido. “Não acredito que isso tá acontecendo comigo!”, gritava Prass, sem abrir a boca e emitir um som sequer. Ele ainda lutou contra a lógica, insistiu, sofreu. Mas, dessa vez, o goleiro de tantas conquistas perdeu.

Nas redes sociais, o assunto Prass viralizou. O corte foi anunciado de maneira oficial já na madrugada de domingo, dia 31 de julho de 2016. Antes disso, ainda na noite de sábado, a informação da saída do goleiro era multiplicada e a *hashtag* #forzaprass estava entre as mais citadas no mundo. Palavras de incentivo, tristeza compartilhada e, principalmente, desejos de recuperação.

Em Goiânia, onde já estavam os atletas por causa do jogo contra o Japão, a notícia também foi devastadora. Entre os jornalistas, o consenso era de que a Seleção Olímpica perdia não só o talentoso goleiro titular, mas também um líder. Entre os jogadores, abatimento pela perda de um colega importante e tristeza pelo sonho interrompido do amigo.

O assunto entre os jogadores era um só: o corte do goleiro. Como a mesma vida que lhe dera um presente tão belo um

mês antes, tirava dele a chance de vivê-lo? No grupo, todos estavam animados com o desafio de disputar um ouro olímpico, mas poucos estavam tão empolgados quanto Fernando Prass. “Era impressionante a alegria dele. Ela aparecia no semblante do Prass. Ele parecia um garotão”, lembra Gabriel Jesus.

Os jogadores foram a campo abalados com o que viam no vestiário do estádio Serra Dourada, aquele gigante de 1,91 metro de altura completamente destruído. Mesmo assim, venceram o Japão por 2 X 0. Na volta do campo, depois da partida, no momento da reza coletiva, o capitão Neymar pediu a palavra e decretou: “Agora nós temos um motivo a mais para brigar pelo ouro: o Prass!”.

Inconsolável, com uma toalha na cabeça e lágrimas escorrendo pelo rosto, Fernando não falava mais com ninguém no vestiário do Serra Dourada. Ele não enxergava nada à sua volta e escutava somente sons desconexos. Ele apenas pensava, provocando uma série de interrogações, que misturavam frustração e revolta. “Por quê? Por que comigo? Por que logo agora?”. Se a causa do fim do desafio olímpico se justificava por uma fratura no cotovelo, a verdade é que a dor já tomava conta de todo o braço, das costas, da cabeça, da alma de Prass.

“Dor de cotovelo” sempre foi uma expressão nacional usada para definir a dor daquele que sofre por amor. Alguns juram que ela teria surgido pelas longas horas que os cotovelos são apoiados na mesa de um bar, ao se chorar as dores do amor perdido. Se, por muito tempo, a expressão foi usada justamente para definir de maneira espirituosa e meio sacana a dor dos apaixonados, depois do dia 30 de julho de 2016 ela ganhou um novo significado: passou a ser uma dor tão grande, tão

avassaladora, que é capaz de deter alguém em busca do maior sonho que já teve.

Ainda no vestiário, depois da partida contra o Japão, abatido, derrotado e com uma fisionomia que escancarava um mar de lágrimas, Fernando pediu a palavra: “Foi do caralho ficar com vocês esse tempo, vestir a camisa dessa seleção, mesmo que por duas semanas. O que me deixa mais triste é saber que eu estou deixando o grupo que vai ser campeão olímpico”.

Só não acredita na multiplicação do infinito quem nunca sofreu demais. A dor de Fernando em um instante dobrou. Ele se deu conta de que não só estava perdendo a chance de buscar uma medalha olímpica, mas também de terminar o ano jogando e brigando pela conquista do Brasileiro. E aquele vazio, que já parecia incomparável, ficou ainda mais devastador.

“Agora tenho que trabalhar minha cabeça, pensar coisas boas, visualizar aquele 2 de dezembro de 2015, final da Copa do Brasil, a homenagem que a torcida me fez com mosaico, e fazer como fiz em 2014. Vou trabalhar muito nesse período afastado dos gramados, não podendo utilizar o braço, para me condicionar fisicamente. O ano de 2015 é a prova disso, foi um dos meus melhores anos, justamente depois de fazer cirurgia e esse trabalho especial com o pessoal do Palmeiras. Esse tempo vai servir para isso também, para voltar fisicamente voando.”

Sim. As lembranças das alegrias no Palmeiras ajudaram o goleiro nessa fase de sofrimento na Seleção Olímpica. No dia do anúncio oficial do corte, no domingo, dia 31 de julho, o Palmeiras entrou em campo para enfrentar o Botafogo com os 11 titulares e uma faixa. Nela estava escrito: “Força, Fernando Prass. Estamos todos com você”.

No sofá de casa, em frente à TV, na companhia do pai, da mãe, da esposa e dos filhos, depois de ver essa imagem, ele, que perdeu a chance de buscar a medalha olímpica, ganhou uma certeza: não estaria sozinho. E foi ali, naquele instante, que o goleiro colocou na cabeça um objetivo que não dividiria com muita gente, até porque para muitos não passaria de devaneio: ele voltaria a jogar para ser campeão pelo Palmeiras ainda em 2016.

Muito por causa disso, diante de tanta dor, ele encontrou serenidade. É verdade que o episódio gerou lágrimas, questionamentos. Mas, depois desse turbilhão de contradições e sentimentos, restou aquilo que sempre foi uma marca na vida de um gaúcho que se tornou ídolo em diferentes cantos do Brasil: coragem. Agora, para recomeçar aos 38 anos – e surpreender mais uma vez.